

## TECNOLOGIA DÁ LUCRO

**\*Roberto Rodrigues**

Agricultura tem um círculo vicioso perverso: se a atividade tem baixa renda, o produtor não consegue comprar tecnologia; sem tecnologia, a produtividade é baixa; com baixa produtividade, não dá renda; e assim por diante.

Na história recente, diversos governos brasileiros criaram mecanismos para romper este processo, seja facilitando o acesso ao crédito rural, que já foi subsidiado, seja garantindo preços mínimos que cubram pelo menos os custos de produção, seja oferecendo assistência técnica, etc, etc.

E alguns instrumentos foram claramente estimulantes para os produtores incorporarem tecnologia, reduzindo custos e aumentando a produtividade.

Foi assim, por exemplo, nos anos 60 do século passado, quando foi criado o Índice de Produtividade: quem não tivesse uma produção mínima por área, determinada por fórmulas acadêmicas, ficaria sujeito a desapropriação para efeitos de reforma agrária. Isso empurrou os produtores mais capitalizados em busca de tecnologias que aumentassem sua produtividade.

Foi assim também com a famosa Cédula G: insumos modernos (fertilizantes, sementes certificadas, máquinas e implementos, vacinas, rações) recomendados pelos institutos de extensão rural e assistência técnica adquiridos pelos produtores tinham seu valor multiplicado por índices diferenciados por insumo, de modo a aumentar as despesas para efeitos de declaração do Imposto de Renda. Esse foi um expressivo período de aumento do uso da tecnologia.

Como resultado destes esforços, a taxa de aumento da nossa produtividade agrícola foi de 3% ao ano nos últimos 20 anos, enquanto a média do mundo foi de 1,1%. E devemos isso a nossos órgãos de pesquisa: a tecnologia "inventou" a moderna agricultura.

A lógica é cristalina: sem tecnologia não há competitividade, e ponto final.

Pois bem: boa parte da vasta fronteira agrícola brasileira é composta de solos de baixa qualidade, sobretudo do ponto de vista dos seus nutrientes. São pobres em N, P, K, carecem de matéria orgânica, e, portanto não conseguem reter água, em geral são ácidos e inférteis. No entanto, nessas mesmas regiões a agricultura e a pecuária estão avançando, alavancados por moderna tecnologia. Os níveis de produtividade vão crescendo ano a ano e mesmo quando as condições de clima são adversas, com secas prolongadas ou simples veranicos em fases críticas dos cultivos, estes resistem e respondem galhardamente às adversidades.

Mas atenção: ninguém pode acreditar que vai abrir um cerrado com solos de baixa qualidade ou mesmo ocupar uma pastagem degradada com a melhor tecnologia disponível e já conseguir ótima produtividade agrícola no primeiro ano, especialmente se ocorrerem condições adversas de clima, como acontece com frequência em países tropicais como o Brasil. Não é assim: isso demora! É preciso investir com convicção na melhoria físico-químico-biológica do solo. É preciso fazer o plantio direto anos a fio, incorporando matéria

orgânica ao solo, ao mesmo tempo em que a correção da acidez é feita com todo esmero e a adubação perfeitamente adequada à demanda da planta. E só depois de 4, 5 ou 6 anos é que o fenômeno referido, de resistência à seca, por exemplo, se observa com clareza. Se chover bem, não se nota diferença se estamos no primeiro ano de plantio ou não. Mas se a seca ocorre, fica evidente.

Este ano de 2013 foi exemplar neste aspecto: faltou chuva no oeste da Bahia, no Maranhão, no Piauí. Nestas grandes regiões, alguns produtores conseguiram excelente produtividade, enquanto outros tomaram prejuízos incalculáveis, embora todos tenham usado tecnologia de ponta. A diferença esteve no número de safras de uso do bom padrão técnico: áreas de abertura, do primeiro ano, não responderam da mesma forma que áreas cultivadas há anos.

Em suma, não há dúvida que tecnologia dá lucro. Mas é preciso ter paciência, como tudo na agricultura, e esperar pelo resultado positivo, fruto de tecnologia insistentemente utilizada. E, sem ela, não há renda sustentável...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**